

Os números melhoram, a realidade insiste

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trouxeram uma informação para lá de comemorada: a pobreza no Brasil caiu para 23,1% da população, o menor patamar desde 2012 — em 2023, esse índice era de 27,3%. A extrema pobreza também recuou, de 4,4% para 3,5%. Em números absolutos, mais de 8,6 milhões de pessoas deixaram a linha da pobreza entre 2023 e 2024.

É impossível negar o significado desse avanço: a combinação de recuperação do mercado de trabalho, geração de empregos e a atuação de programas sociais — como os benefícios de transferência de renda — têm papel claro na reversão dessa trajetória. Mas as estatísticas expõem a fragilidade socioeconômica do país. A situação é tão ruim que um patamar de pobreza de 23% pode ser celebrado como progresso.

Quando falamos em milhões de brasileiros na pobreza, estamos nos referindo a pessoas que vivem com cerca de US\$ 6,85 por dia, o equivalente a aproximadamente R\$ 694 por mês (teto definido por critério internacional estabelecido pelo Banco Mundial). Fazer de R\$ 694 um referencial “aceitável” revela o quão modestas são as condições que consideramos mínimas. Essa era a realidade de 48,9 milhões de pessoas no ano passado.

Em 2023, o contingente na pobreza era de 57,6 milhões. Em situação ainda pior, o número de brasileiros na extrema pobreza, que viviam com renda de até US\$ 2,15 por dia, cerca de R\$ 218 mensais em valores corrigidos, passou de 9,3 milhões para 7,4 milhões. Ou seja, 1,9 milhão deixaram a condição de um ano para o outro. Melhorou, mas ainda é gente demais em situação muito carente.

O avanço recente não elimina desequilíbrios históricos entre regiões, gêneros, raças

e classes sociais. A redução dos extremos de pobreza não garante acesso digno a educação, saúde, saneamento, transporte nem redução de desigualdades de oportunidades e renda. Quem sai da linha da pobreza continua, muitas vezes, em vulnerabilidade — com informalidade no mercado de trabalho, insegurança econômica e poucas possibilidades reais de ascensão.

Os números mostram que os ganhos recentes foram fortemente impulsionados por programas de transferência de renda. Segundo o estudo, sem eles, a extrema pobreza seria quase três vezes maior no país, subindo de 3,5% para 10% da população, enquanto a proporção da pobreza aumentaria de 23,1% para 28,7% em 2024. É uma dependência perigosa. Se a economia vacilar, se o emprego formal não se estabilizar ou se os benefícios forem ajustados para menos, a fragilidade da conquista será exposta — e milhões poderão voltar à condição anterior. Ao se contentar com a “menor pobreza desde 2012”, corre-se o risco de institucionalizar o que é aceitável: não a riqueza nem a dignidade, mas a mera subsistência.

Sim — os dados do IBGE merecem ser reconhecidos. É um recuo real e uma conquista coletiva, que mostra que políticas públicas combinadas com recuperação econômica podem produzir resultados. Mas isso não deve ser lido como fim da pobreza, e muito menos como solução estrutural. Mais do que comemorar percentuais, é urgente converter esse alívio em ambição: não apenas reduzir a pobreza, mas elevar a dignidade. Trabalho decente, salários reais, educação de qualidade, saúde, habitação, mobilidade e cidadania plena. Até que isso aconteça, será sempre legítimo exigir mais — não apenas para reduzir números, mas para reconstruir vidas.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Eu torço pelo algoritmo

Noutro dia, a editora de uma revista científica comentou que não aguenta mais publicar artigos feitos por máquinas. Estávamos conversando sobre os limites do uso da inteligência artificial e ela me falou que, embora o periódico para a qual trabalha autorize a ferramenta para ações como formatação e revisão, muitos autores extrapolam o limite e pedem ao Chat GPT e similares para fazer seu trabalho.

Eles não estão sozinhos. Profissionais de diversas áreas usam a IA para executar suas tarefas — e isso inclui, infelizmente, alguns da imprensa. Noutro dia mesmo, vi o post sobre um jornalista indiano que se esqueceu de apagar uma mensagem do aplicativo no fim da matéria. O lapso passou batido pela revisão e o jornal chegou aos leitores com uma espécie de P.S.: “Quer que eu inclua um quadro sobre o assunto?”

Pessoas que se dizem criadoras de conteúdo terceirizam o serviço, sem perceber que colocam em risco o próprio ganhapão. Afinal, não é preciso saber escrever — talvez baste ser alfabetizado — para mandar o aplicativo fazer um post. Para quem trabalha com as palavras no dia a dia, nada mais fácil do que identificar “criação” de máquina. Você bate o olho e já sabe que o autor se chama algoritmo.

A inteligência artificial é, de fato, uma ferramenta perfeita para ganhar tempo com tarefas menores e, assim, poder se dedicar a questões mais importantes.

Digamos, o jornalista pede para o chat montar um quadro informativo com base em uma entrevista que acabou de fazer. Enquanto o aplicativo executa a função, o repórter pode caprichar mais no texto da matéria ou a aprofundar sua apuração. O mesmo para um cientista: a IA verifica os padrões ABNT do artigo, para o pesquisador checar e rechegar os dados da publicação. Mas sabemos que nem todo mundo usa os aplicativos dessa forma.

Para além de questões éticas, o que me impressiona no abuso da inteligência artificial é o propósito disso. Porque sabemos que, cada vez mais, as pessoas investem (ou perdem) tempo em redes sociais. Então, se você coloca a máquina para fazer o seu trabalho — e nem falo em remunerado, pensemos em um blog sem fins lucrativos, por exemplo —, o “tempo ganho” é gasto rolando o feed? Que, por sua vez, foi escrito em boa parte pelo Chat?

Em resumo, pedimos à máquina para escrever por nós porque queremos mais tempo para ler conteúdo produzido pela máquina. E sabe o pior? Todo mundo parece saber disso e não está nem aí. Assim fica fácil escolher por quem torcer num futuro embate entre homem e IA. Estou com o algoritmo e não abro.

P.S.: esse texto foi escrito com uma pequena ajuda da inteligência artificial — pedi ao buscador para encontrar um sinônimo para “tarefa”.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Feminicídio

A alegação do soldado que confessou ter matado outra militar em um quartel de que havia um “caso” entre eles é uma tentativa de justificar um ato brutal, transformando a vítima em figura de culpa. Essa narrativa não é nova. Frequentemente, as mulheres são difamadas após sua morte, enquanto os agressores tentam escapar das consequências de suas ações. É alarmante que, em pleno século 21, continuemos a ver feminicídios como uma realidade. A pergunta “até quando?” ecoa em nossas mentes, refletindo a urgência de uma mudança. Precisamos de uma sociedade que não apenas reconheça o problema, mas que atue de forma decisiva para combatê-lo, garantindo a segurança e o respeito às mulheres.

» **Gilmara Carvalho**
Brasília

Segurança

Realmente, a situação de segurança na Asa Norte está calamitosa. Há muita gente na rua sem abrigo, sem trabalho, e muitos comerciantes e clientes amedrontados, o que eleva a tensão social que já vivemos no cotidiano. É preciso acolher a população em situação de rua, e também os comerciantes e clientes, que são trabalhadores também, em sua maioria. Os milionários estão em outros espaços, encastelados, e não são perturbados em nada. Cadê o Governo do Distrito Federal?

» **Maria Machado**
Brasília

Predadores

No passado longínquo, os seres humanos gastavam energia física para sobreviver, caçar, pescar, fugir de predadores ou de animais peçonhentos, como cobras, escorpiões, aranhas. Hoje, vivemos em sociedades sofisticadas. Aparentemente, temos mais segurança, e as necessidades humanas são muito mais facilmente atendidas, desde que se tenham recursos. Mas, de fato, somos mais protegidos do que nossos antepassados? Não! Há predadores na atualidade? Sim, muito mais. Há “animais peçonhentos” nas sociedades modernas: nas empresas, classe política, universidades, famílias? Sim, muito mais. Temos mais predadores que nos consomem e há mais venenos no ambiente em que transitamos e vivemos o dia a dia do que no passado. Mas o veneno e os predadores não estão frequentemente fora de nós, tal como as pessoas que nos agredem, excluem, criticam injustamente. O ser humano atual se preocupa em tudo que faz, com a segurança, mas é falsamente seguro. Temos fechaduras nas portas, janelas, senhas no cartão de crédito, mas não temos proteção contra os ataques de dentro, contra os pensamentos e atitudes dos mandatários dos Três Poderes. Infelizmente, sentimos-nos mais ameaçados do que os seres humanos do passado, pois nossos inimigos se multiplicaram e se tornaram mais penetrantes.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Honraria

A Alesp inovou no conceito de “mérito legislativo” nesta sexta-feira (5/12). A Casa decidiu que a maior honraria de São Paulo deveria ir para um vereador do Rio de Janeiro. Carlos Bolsonaro recebeu a medalha pelas mãos do deputado Paulo Mansur. Fica a pergunta que não quer calar: será que ele

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

É preciso coragem para ser mulher em Brasília.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Uma mulher não está segura na igreja, não está segura na escola, não está segura no trabalho, não está segura no quartel, não está segura nem na própria casa. A mulher não está segura se no local estiver um homem!

Eduarda Moura — Brasília

Filhos do Bolsa Família rompem ciclo de pobreza. Esse é justamente o objetivo, mas é preciso melhorar o controle para coibir os espertinhos! Tem gente que não quer avançar. Quer ficar parada, sem fazer esforço!

Mauro Fontes — Asa Sul

Na Faixa de Gaza, o amanhecer é uma conquista, e a noite, uma incerteza. O cessar-fogo trouxe um silêncio frágil entre explosões e medo. Lá, a vida é feita de resistência e de feridas que nunca cicatrizam.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

prestou serviços a São Paulo por telepatia? É comovente ver tal reconhecimento. Deve ser um prêmio pela “humanidade” exemplar que a família demonstrou quando 700 mil brasileiros perderam a vida. Enquanto o país chorava, eles ofereciam risadas e escárnio. É, de fato, um comportamento que merece ser medalhado para garantir que a gente nunca esqueça quem eles são na hora que a conta chegar.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Santos (SP)

Acorda, Ancelotti

Carlo Ancelotti é um técnico vencedor, mas insensível ao não convocar o “Monstro” para a zaga da Seleção Brasileira. Thiago Silva está maduro (41 anos), esbanja saúde, vigor e inato exitoso posicionamento adequado durante o jogo. Thiago Silva e mais 10, é o zagueiro que nos falta para, com maior segurança, finalmente, conquistarmos o tão ambicionado “tetra”.

» **Humberto Schwartz Soares**
Vila Velha (ES)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br